

ENTRE LETRAS E IDENTIDADE: A INFLUÊNCIA DA LEITURA NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Lectícia Péttine¹,
Quérolin Crisiane Toledo de Oliveira¹, Davide Chareun¹,
¹Centro Universitário Avantis - Uniavan
e-mail: lecticia_lee@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A dependência química é um fenômeno complexo que afeta não apenas o indivíduo, mas também suas relações sociais e familiares. A experiência vivida na Comunidade Terapêutica Viver Livre oferece um contexto rico para compreender os desafios e as possibilidades de recuperação. Este estudo busca explorar como a literatura e a expressão pessoal podem atuar como ferramentas de resgate e reconstrução identitária para pessoas em tratamento.

A importância desse tema reside na necessidade urgente de abordagens terapêuticas que promovam a autonomia e a autoexpressão dos dependentes químicos. A literatura, como destaca Bacha (2002), não só amplia a capacidade de autoconhecimento, mas também serve como um espaço de reflexão e construção da identidade. Este trabalho investiga como a leitura pode ser uma fonte de subjetivação para os leitores, enfatizando que a literatura é, em grande parte, moldada pela perspectiva daquele que a lê. A relevância deste estudo se justifica pela crescente compreensão de que a leitura não é um ato passivo, mas uma prática ativa que envolve a construção de significado e identidade. Além disso, a leitura é reconhecida como um meio eficaz para fomentar a crítica social e a transformação pessoal, alinhando-se à perspectiva de autonomia proposta por Castoriadis (1994).

A revisão da literatura revela que, ao proporcionar um espaço seguro para a expressão de experiências e emoções, a leitura e a escrita podem desempenhar um papel crucial na recuperação. Villari (2000) argumenta que o ato de ler não se limita à interpretação do texto, mas envolve uma profunda interação entre leitor e obra, permitindo a emergência de novas vozes e desejos. Essa interação é especialmente relevante em contextos de vulnerabilidade,

onde a capacidade de se fazer ouvir é frequentemente comprometida.

Com base na análise dos artigos revisados, observa-se que a literatura pode não apenas informar, mas também formar o leitor em um espaço onde fantasia e razão se entrelaçam. Essa capacidade singular de impactar a subjetividade do indivíduo reforça a ideia de que a literatura pode ser um catalisador de crises necessárias para o autoconhecimento e a construção da identidade. Assim, enquanto o leitor é influenciado pelos efeitos da narrativa, ele também se torna um criador, reinterpretando a história à luz de suas próprias vivências e desejos.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo investigar como as dinâmicas de leitura e escrita na Comunidade Terapêutica Viver Livre podem contribuir para a recuperação da voz e da identidade dos indivíduos em tratamento. Ao explorar essas relações, esperamos oferecer descobertas valiosas para práticas terapêuticas futuras e promover um entendimento mais aprofundado sobre a importância da narrativa na jornada de recuperação.

2.METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou uma abordagem mista, combinando uma pesquisa bibliográfica com a escuta dos pacientes da Comunidade Terapêutica Viver Livre. Esta metodologia foi escolhida para proporcionar uma compreensão aprofundada das dinâmicas de leitura e escrita como ferramentas de recuperação e expressão identitária.

O estudo foi realizado em duas etapas: a primeira consistiu na pesquisa bibliográfica, e a segunda na coleta de dados qualitativos por meio de escuta ativa dos pacientes. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão sistemática da literatura, focando na análise de artigos científicos que exploram a relação entre leitura, subjetivação e psicanálise. Foram utilizados artigos científicos indexados em bases de dados relevantes, como Scielo e Google Scholar, selecionando aqueles que discutem a leitura como um meio de intervenção psicanalítica, priorizando publicações dos últimos 20 anos para garantir a contemporaneidade das abordagens. A estratégia de busca incluiu palavras-chave como "leitura", "subjetivação", "psicanálise" e "literatura". Essa abordagem permitiu integrar a fundamentação teórica com as experiências vivenciadas pelos indivíduos em tratamento.

A metodologia detalhada permite a replicação do estudo por outros pesquisadores interessados em explorar a relação entre leitura, subjetivação e psicanálise. A transparência nos métodos de coleta e análise assegura a validade e a confiabilidade dos resultados obtidos, contribuindo para o avanço do conhecimento na área. Assim, a proposta de que "a arte existe porque a vida não basta" (GULLAR, 2012) fundamenta a escolha da literatura como um meio de enriquecer a experiência do sujeito, criando um diálogo contínuo entre a obra e o leitor, cada um moldando e sendo moldado pelo outro.

3.RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A experiência vivenciada na comunidade terapêutica revelou a profundidade da necessidade humana de ser autor de sua própria história. No entanto, muitas vezes, as narrativas individuais são sufocadas por um mundo que impõe limites, levando à silenciação das vozes e, conseqüentemente, à anulação da própria existência. Essa supressão cria um cenário devastador, onde a culpa, o fracasso e a impotência se entrelaçam, obscurecendo a luz da autoexpressão.

O espaço entre a angústia e o alívio momentâneo proporcionado pelas drogas é, conforme Christian Dunker (2016), um espaço onde é necessário encontrar a palavra do sujeito. Essa expressão é fundamental para que a necessidade de fuga se torne menos premente. Durante os relatos, muitos participantes mencionaram a perda de entes queridos, revelando um profundo sentimento de desamparo e a ausência de testemunhos que validem suas experiências. A busca por conexão e a necessidade de ser reconhecido na perspectiva do outro emergem como temas recorrentes.

Com base na análise dos artigos revisados, observa-se que a leitura é amplamente reconhecida como um meio eficaz para promover a autonomia do sujeito. Bacha (2002) destaca a importância da leitura na ampliação da capacidade de autoconhecimento, sugerindo que a literatura serve como um espaço de reflexão e construção da identidade. Através da leitura e da escrita, os participantes da comunidade terapêutica podem encontrar uma forma de reacender a chama de seus desejos e reimaginar suas vidas, alinhando-se com a perspectiva de Castoriadis (1994), que propõe a autonomia como um projeto social.

Conforme as narrativas se desenrolavam, ficou evidente que a combinação da dor existencial e a fuga pelo uso de substâncias resultava em uma desilusão em relação aos sonhos e desejos. A continuidade do uso de drogas frequentemente afastava os indivíduos de suas essências, tornando o resgate dessas vozes ainda mais urgente. O vício não apenas dilacera os sonhos, mas transforma a perspectiva de futuro em um abismo de desesperança. A droga surge como um refúgio temporário, mas a verdadeira cura reside na capacidade de ser ouvido e na redescoberta da própria narrativa.

Nesse contexto, a literatura se torna um importante aliado. Muitas pessoas expressaram o desejo de compartilhar suas histórias, anseio por contato genuíno e a necessidade de um abraço que as ajude a reencontrar o amor por si mesmas. O resgate da fala e a possibilidade de expressar opiniões são cruciais no processo de recuperação. Essa redescoberta permite que o indivíduo se reencontre, acessando suas fantasias e desejos mais profundos.

O ser humano é, por essência, um ser relacional; um livro, nesse contexto, se torna uma passagem vital para que a voz do sujeito ressoe novamente, mesmo no silêncio das palavras escritas, para que então surja o desejo de novamente ser. As implicações desses achados são significativas para as práticas educativas e terapêuticas. A leitura pode ser utilizada como uma intervenção eficaz para facilitar o autoconhecimento e a autonomia dos indivíduos, reforçando a ideia de que "é o leitor quem possibilita que o texto diga através dele" (VILLARI, 2000).

Os resultados indicam que a escuta ativa e o espaço para a expressão pessoal são fundamentais para a recuperação de dependentes químicos. Criar ambientes que favoreçam essa troca é essencial para o sucesso terapêutico.

4.CONCLUSÕES

A pesquisa realizada na Comunidade Terapêutica Viver Livre revelou descobertas significativas sobre a interseção entre leitura, subjetivação e recuperação de indivíduos em tratamento para dependência química. Este estudo investigou a leitura como uma ferramenta de subjetivação, destacando a profunda interconexão entre o leitor e a obra literária. Os principais achados indicam que a leitura e a escrita emergem como ferramentas cruciais para

a reapropriação da voz e da identidade dos pacientes. Ao proporcionar um espaço seguro para a expressão pessoal, essas práticas ajudam a resgatar narrativas que, muitas vezes, são silenciadas por experiências traumáticas e pela dor existencial.

O estudo destaca que a literatura não apenas fomenta o autoconhecimento, como também atua como um meio de reflexão e reconstrução identitária, corroborando as ideias de Bacha (2002) e Castoriadis (1994). A prática da leitura não apenas enriquece a experiência individual, mas também desempenha um papel crucial na construção da identidade e na formação subjetiva do leitor. Os relatos dos participantes evidenciam a importância de se sentir ouvido e reconhecido, o que se mostra fundamental para a recuperação. A leitura transforma-se em um ato ativo, no qual o leitor não é mero receptor, mas um co-criador de significados, alinhando-se à perspectiva de Villari (2000). Essa dinâmica é fundamental para compreender o papel da leitura como uma intervenção terapêutica, capaz de promover mudanças significativas na subjetividade do indivíduo.

As implicações práticas desses achados são significativas para as áreas de educação e terapia. Recomenda-se a incorporação de práticas de leitura e escrita como intervenções terapêuticas em comunidades que atendem dependentes químicos. Criar ambientes que favoreçam a escuta ativa e a expressão pessoal pode potencializar o processo de recuperação, promovendo uma cultura de acolhimento e validação das experiências individuais. Além disso, a pesquisa contribui para o campo do conhecimento ao enfatizar a literatura como uma ponte entre a subjetividade e a transformação social. Ao explorar as narrativas dos pacientes, este estudo não apenas ilumina a importância da literatura em contextos de vulnerabilidade, mas também sugere que a promoção da autonomia e da autoexpressão deve ser uma prioridade nas práticas terapêuticas. A literatura não deve ser vista apenas como um meio de entretenimento, mas como um recurso essencial para o desenvolvimento pessoal e a construção de sentido na vida dos indivíduos.

Em suma, este trabalho enfatiza a importância da leitura como um caminho vital para a subjetivação, sugerindo que, ao explorar as histórias dos outros, o leitor também encontra novos significados e compreensões sobre si mesmo. A combinação de escuta ativa e práticas literárias pode proporcionar um caminho efetivo para a recuperação, ajudando os indivíduos a reencontrar suas vozes e a reimaginar suas vidas em um novo horizonte de possibilidades,

promovendo um contínuo processo de autodescoberta e transformação. Nesse sentido, é como diz Elza Soares na canção "*Mulher do Fim do Mundo*": é preciso dar voz à fala e à opinião, permitindo que cada um cante sua própria história, resignificando sua existência e celebrando a força da própria identidade (FRÓES; COUTINHO, 2017).

REFERÊNCIAS

- BACHA, M. C. (2002). A leitura e a formação do sujeito. Educação e Psicanálise.
- BARTHES, R. (1988). O prazer do texto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DUNKER, Christian. *Falando nisso: Como é o tratamento psicanalítico para a dependência química?* YouTube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YrHBm4bYXpQ>. Acesso em: 19 out. 24.
- CASTORIADIS, C. (1994). A instituição imaginária da sociedade. São Paulo: Paz e Terra.
- FELMAN, S. (2000). A escrita e a psicanálise. São Paulo: Perspectiva.
- FRÓES, Romulo; COUTINHO, Alice. *Mulher do Fim do Mundo*. Interpretação de Elza Soares. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6SWIwW9mg8s>. Acesso em: 19 out. 24.
- GULLAR, F. (2012). Toda Poesia. Rio de Janeiro: José Olympio.
- VILLARI, R. A. (2000). Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20(2), 207-215. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hSjzZW8j7tRf79PjFGrtYKB/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2024.
- VILLARI, R. A. (2016). Sobre a relação entre educação e psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20(2), 283-292. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/c997V8tRN3zyHHfdwWqQT6n/?format=html&lang=pt>. Acesso em 18 out. 2024.